

ARTIGO

ARTÍCULO

SEMIÓTICA E ANTROPOLOGIA

SEMIÓTICA Y ANTROPOLOGÍA

SEMIOTICS AND ANTHROPOLOGY

ANA CLAUDIA MEI DE OLIVEIRA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil

**PUBLICAÇÃO ORIGINAL
CRUZEIRO SEMIÓTICO**
1985

**PUBLICACIÓN ORIGINAL
CRUZEIRO SEMIÓTICO**
1985

COMO CITAR

CÓMO CITAR

OLIVEIRA, A. C. M. Semiótica e antropologia. **Cruzeiro Semiótico**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 1-6, jan.-jun., 2025.

**CRUZEIRO
SEMIÓTICO**

Só em algumas lojas de objetos raros, ou naquelas organizadas pela FUNAI, ou em valiosas coleções particulares, ou, ainda, em poucos museus encontramos objetos-vestígios do indianismo brasileiro.

Muitos dos estudos antropológicos têm se desenvolvido nesse campo e, lentamente, a esfera do mundo tribal vai sendo devassada. Por outro lado, outras áreas são chamadas a investigar esse circundante e, com atenção superaguçada, como semioticista, penetro nessa tradição coletiva.

A Semiótica é fundamental para a leitura dos processos de linguagem, comunicação e cultura, e em muito pode contribuir para a reflexão teórico-prática da Antropologia, o que é objetivo deste artigo evidenciar.

A experiência acumula na memória a história coletiva da tribo. Constitui-se ela na tradição que se traduz entre outros aspectos nas manifestações artísticas. Dentre essas selecionamos um exemplo de cestaria, criação-reminiscência do sobrevivente Neolítico brasileiro. Tucanos é a tribo que toma as fibras das folhas de palmeiras, tingindo-as com as cores extraídas de plantas, para tecerem, segundo padronização de modelos conhecidos e aceitos pela tribo, cestarias, signos e ideoteológicos da sociedade tribal.

O entretecer das fibras é codificação, segundo as combinações já afirmadoras das técnicas desenvolvidas ciclicamente pelo povo, que confirma suas habilidades técnicas nesta atividade “industrial”. Cada cestaria, portanto, repropõe, até quando a tribo conseguir sobreviver como tribo, a batalha do criador ao enfrentar a técnica. Sua reação e seu prazer dão-se no articular paradigmas nos sintagmas que podem cobrir e conter enorme variedade de eventos sempre iconizados nos polos dialéticos do processo sógnico.

Cestaria é tecedura de imagens-pensamentos. Linguagem condensada que entrança fibras brancas e negras, potencialmente multivalentes, afrontadas no relacionar interfibras. Os jogos positivo/negativo, branco/negro, aberto/fechado, cheio/vazio, atração/repulsão, figura/fundo, que iconizam o jogo homem X universo.

As fibras entretecem um espaço/tempo não fixo. Uma malha cíclica que cria no tempo/espaço sua dinamicidade, centrada no transitório, no contraditório, à medida que é e não é, é ou pode ser, é ou parece ser.

No círculo-cesta, a série é interpretante e infinita. Compõe-se de figuras matrizes: círculos, quadriláteros e triângulos, que combinadas repropõem novas figuras geométricas. Uma visualidade pura: “imagem-ideia” ou “signo-pensamento”, que, pelo fazer racional, materializa o molde mental-experiências alicerçadas do passado-presente tribal. São ícones a caminho do símbolo na medida em que propõem unidade ao incognoscível do universo infinito, que por tal é limitado para ser no

átomo manipulado, ter seu espaço percorrido de um extremo ao outro, ter o intangível transformado e dominado. São ícones com passagem para o primeiro, na medida em que propõem, nas formas elementares, o sensível, a qualidade para um possível.

Ao falar de cestaria estamos falando de modificações da consciência. Um processo contínuo, constantemente transformado pelo raciocinar hipotético rumo à cognição do mundo exterior para, através dela, atingir a cognição do mundo interior.

Cada exemplar de cestaria, portanto, é um real, linguagem coletiva redimensionalizadora do fluxo da consciência e das complexas articulações do sistema de produção do contexto socioeconômico cultural.

Presentifica-se nas cestarias brasileiras o fazer do homem neolítico exposto ao desconhecido e perigoso circundante que, segundo Max Raphael,

queria um mundo de formas que não representassem somente as atividades, os acontecimentos passageiros e mutáveis... e sim as relações dos homens entre si e com o cosmos, dentro de um sistema imutável. A intenção não era suprimir o conteúdo da vida, mas dominá-lo, obrigá-lo a submeter o seu domínio físico ao poder da vontade criadora, ao impulso humano de manipular e remodelar o mundo.

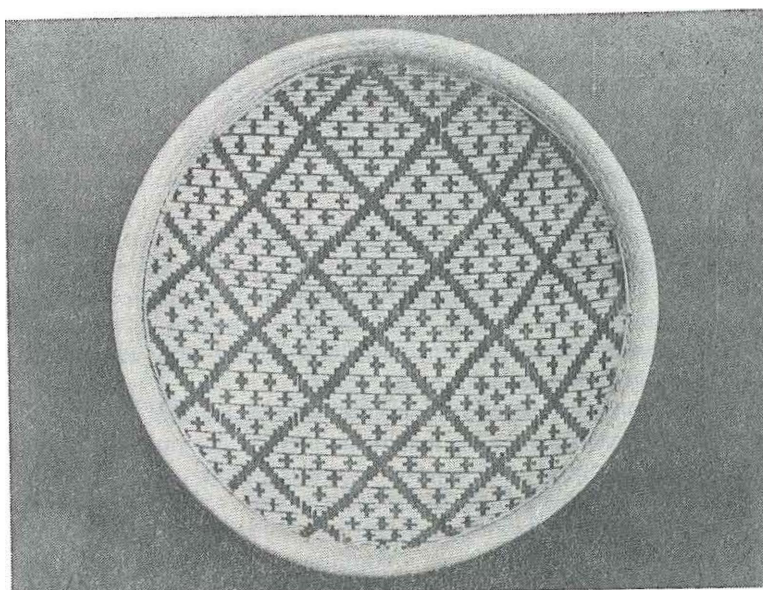
Na peneira escolhida, esse resgate processual. A estruturação do mundo tribal é vivificada através da estatização de seu sistema de forças nas fibras retangulares que se opõem ao se cortar, tocar, dialetizando-se no traçado ortogonal de sua malha mundo a qual nomeamos: QUADRATURA DO PODER a partir da análise de sua estruturação signica.

A sociedade-peneira é o grande diagrama do poder na sociedade tribal. Uma tecedura iconizando territórios e estruturação da tribo, cujo esquema Sahlins informa-nos ser:

famílias reúnem-se em linhagens locais, as linhagens em comunidades de aldeias, as aldeias em confederações regionais, as últimas constituindo a tribo ou 'povo' - que se acha colocado num campo intertribal mais amplo. (ibid, 1983, p. 30)

A tribo é dividida em quadrados que mutuatuam no círculo-peneira, recorte metonímico da quadratização maior, mundo tribal. Linhas negras traçam quadrados-moldura, topografia dos territórios, linhas brancas traçam quadrados-pseudo-moldura. A luta preto/branco, luta ponto-homem/homem-ponto, linha-família/família-linha; plano-aldeia/aldeia-plano, reparadigmatizada no pla-

no-tribo/tribo-plano, iconiza o sistema das relações tribais, tecido na malha pelo entrecruzar das partes. Nessa iteração, o situar do homem, topologicamente, na peneira-tribo.



O tribalismo é um todo coeso, um todo-identidade a ser desvendado pela forma que apreende o tecido tribal, ao articular seus fios. A coesão dos fios é a coesão dos vários organismos, regidos pela lei e pela ordem, que determinam todas as relações, inclusive as econômicas.

O entrecruzar das fibras vertical/horizontal repropõe o micro sintagma da composição, o quadrado. A paz explícita/a guerra implícita entebatem-se nas fibras-tribo, estruturando o equilíbrio distribucional da força de indivíduos, subgrupos e grupos num processo dinâmico e simétrico do próprio tecer – reunião de unidades mínimas em um só corpo – o mundo tribal.

Na linguagem do todo, a incorporação da linguagem do material, através das fibras negras/brancas, enredadas em quadrados isolados, que se refletem em outros e tecem divisas. Conduzem ao todo, imenso quadrado exterior, macro sintagma que se repropõe corno forma transformada e transformadora no micro sintagma cestaria e, ainda, rearticulado nas unidades mínimas dessa. Um sintagmatizar de planos paradigmáticos enreda o texto das relações tribais. No contínuo remeter de um plano a outro, movimentam-se no espaço/tempo, simetricamente compasadas, as metamorfoses do mundo tribal, na medida em que a estrutura espalhada devolve as imagens transformadas.

Fibras sobre fibras diagramatizam a equação sociedade tribal. Ponto, linha, plano, cor, forma e suas articulações constituem o interpretante-icônico (rema). Uma estrutura a ser reescrita a cada nova cestaria. Uma generalização, aspirando a ser lei, mas que é sempre revista, pois o desenho de uma pressupõe o das anteriores e de cestas possíveis.

Na análise da contração sígnica, no plano bidimensional de formas geométricas, de linhas retas e paralelas, de cor/ não cor ou de luz/não luz percebemos que tratamos de tecitura-escritura, o que nesse desfecho nos leva a enunciar, que, diacrônica e sincronicamente, as sociedades indígenas não são povos ágrafos ou pré-letrados.

Cada cestaria é um ato de fala (parole) ordenado pelo sistema codificado em unidades mínimas e por regras de codificação armazenadas na memória coletiva (langue). Assim, ao relacionar as imagens às ideias-emoções e desejos, codifica-se, em formas, pensamentos, imagens e coisas, sistematizadas pelo grande manancial de princípios gerais que comanda toda e qualquer expressão adotada pelo corpo social.

O grande sintagma “langue” que se desenvolve no tempo só existe em ausência, uma vez que só se manifesta metonímico/metaforicamente em cada atualização concreta da cestaria (espaço/parole) de tal forma que apenas podemos conhecer a instância paradigmática, a única que nos permite tentar formular a lei geral montada na ortogonalidade.

Nessas atualizações, temos as complexas articulações do sistema de produção do contexto socioeconômico cultural. As formas plásticas da parole inauguram o vir a ser linguagem, reenformado no Neolítico. Pelo repetir das formas, a negação da vida exterior, para recuperá-la no interior do próprio signo.

Na cestaria artesanal, o arsenal da linguagem. Linguagem visual que sintetiza, atomiza, aprisiona, ao iconizar diagramaticamente a qualidade cinética da visualidade do mundo.

Articulações sensíveis atam as formas matrizes geométricas e entretecem a escritura do Neolítico. Uma consciência universal que, traduzida sinesteticamente, integra os “um-dois-muitos” homens, na sociedade tribal.

O percurso semiótico, como esta análise procurou trilhar, fundou nosso adentrar nas cestas, possibilitando-nos percebê-la como linguagem. Da captação do universo sígnico da cestaria afloram novas concepções, modos outros de abordar os objetos de indagação da Antropologia, e a Semiótica nesse fazer é uma ciência inerente às demais ciências na medida em que se presentifica na edificação de suas linguagens. Por outro lado, a Semiótica apresenta-se também como ciência, cujo enfoque interdisciplinar possibilita a leitura e a operação do constructo diagramático

no qual se alicerçam as manifestações indígenas e outras construções sógnicas das quais se ocupa a Antropologia; e, neste sentido, a Semiótica em muito pode subsidiar outras ciências.

REFERÊNCIAS

SAHLINS, M. D. **Sociedades Tribais**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

